



Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro

“Teorias e Metodologias da Geografia: tendências e perspectivas”

UNESP – Rio Claro
03 a 05 de novembro de 2009

JEFFREY SACHS CONTRA A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: DICOTOMIA VERSUS FRAGMENTAÇÃO

Paul Sutermeister¹

Resumo. O pensamento geográfico do economista estadunidense Jeffrey Sachs é muito influente nas relações internacionais. Porém, esse pensamento geográfico é questionado pela ciência geográfica que o considera como determinista. Manifesta-se essa oposição mais claramente quando confrontamos a visão dicotômica de Sachs com a teoria do desenvolvimento fragmentador do geógrafo alemão Fred Scholz.

Palavras-chave: desenvolvimento; determinismo; globalização, ideologia.

*...as forças que criam a fragmentação
podem, em outras circunstâncias,
servir ao seu oposto.*

Milton Santos
(1998, p.19)

*Fome, doença, o desperdício de vidas
que é a miséria são uma afronta para todos nós.
Para Jeff, é uma equação difícil, mas resolúvel.*

Bono
(In: SACHS 2005, p.16)

1. Introdução

O economista estadunidense Jeffrey Sachs é, segundo os autores do livro *Geografia é destino?* (GALLUP et al., 2005, p.15) publicado pela editora UNESP, um “líder da redescoberta da geografia”. Sachs é egresso da Universidade de Harvard, conselheiro econômico de diversos governos, assim como assessor do Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas. Sachs, quem é, entre outras coisas, membro “há muitos anos do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, em São Paulo” (RICUPERO, R. Prefácio à edição brasileira. In: SACHS 2005, p.25), é considerado por

¹ Mestrando em Geografia Humana na Universidade de São Paulo.

Rubens Ricupero em 2005 como um dos “três mais prováveis ganhadores de um futuro prêmio Nobel de economia”, junto com o (já premiado) Paul Krugman e Lawrence Summers (*idem*, p.21). Muitos estadunidenses o querem inclusive como presidente. Suas visões geográficas têm, portanto, certa relevância.

Ora, o pensamento geográfico de Sachs se opõe quase “diametralmente” ao pensamento elaborado pela ciência geográfica, como mostraremos mediante a comparação de textos-chave de Sachs com trechos da obra *Geographie: Physische Geographie und Humangeographie* (GEBHARDT et al. 2007), uma das obras didáticas de Geografia mais representativas na língua alemã. Segundo Sachs, o mundo está dividido entre *zona tropical* e *zonas temperadas*, porque a zona tropical seria, frente às zonas temperadas, desfavorecida no que se refere à *agricultura, saúde e mobilização de recursos científicos*. No livro didático alemão de Geografia, chega-se a conclusões opostas: o mundo está *fragmentado* – e não *dividido* – em pedaços ricos e pobres *sem relação à latitude*. Os trópicos não seriam desfavorecidos nem relativo à agricultura, nem à saúde e nem à mobilização de recursos científicos. Os geógrafos alemães baseiam-se particularmente na teoria do desenvolvimento fragmentador do geógrafo alemão Fred Scholz (talvez um “Milton Santos alemão”). Neste artigo pretendemos contrastar essas duas visões opostas: a dos geógrafos alemães e a de Sachs.

É, aliás, curioso que os pensamentos geográficos alemão e brasileiro, no que se refere aos estudos da globalização e seus efeitos *fragmentadores*, têm relativamente pouco contato entre eles. Pode-se comprovar esse fato comparando a bibliografia da obra *Geografia* com aquela da obra brasileira *Território: Globalização e Fragmentação* organizada por Milton Santos, Maria Adélia A. de Souza e Maria Laura Silveira e publicada em 1998, que contém contribuições de 30 autores diferentes. Observamos que são poucos os autores que aparecem, como co-autores ou como autores citados, tanto na obra alemã quanto na obra brasileira. Nos capítulos da obra *Geographie* relevantes para nossas críticas contra Sachs (os capítulos 16, 24 e 26) encontramos, entre mais de 450 referências bibliográficas, nenhum autor brasileiro. Portanto, na Alemanha, Milton Santos parece ser um desconhecido. Na obra brasileira, por sua vez, destacam-se, entre outros cientistas alemães dentro das centenas de referências, (ao menos) Ulrich Menzel e Dieter Senghaas (IANNI, Octavio. In: SANTOS et al. 1998, p. 84). Os saberes precisam, portanto, de uma melhor coordenação entre eles.

2. A visão dicotômica de Jeffrey Sachs

Segundo os autores de *Geografia é destino?* (GALLUP et al., 2005, bibliografia), as obras “geográficas” mais representativas de Jeffrey Sachs são o capítulo de livro *Notas para uma Nova Sociologia do Desenvolvimento Econômico* (SACHS 2002) e o artigo *Helping the World's Poorest* (SACHS 1999). Baseamo-nos, no conseguinte, nesses dois textos.

Como diz Sachs em *Notas para uma Nova Sociologia do Desenvolvimento Econômico* (2002, p.74), existem “provavelmente três grandes explicações para a persistente pobreza dos trópicos; [primeiro,] fatores agrícolas, [segundo,] fatores da saúde e [terceiro,] fatores relacionados com a mobilização de recursos científicos.” Como veremos no conseguinte, as três “explicações” nos levam à dicotomia do mundo entre, por um lado, a zona tropical desfavorecida e, por outro lado, as zonas temperadas favorecidas.

Primeiro, a zona tropical seria desfavorecida frente às zonas temperadas relativo à *agricultura* (SACHS 2002, p.74):

A agricultura tropical enfrenta diversos problemas que levam à produtividade reduzida de colheitas perenes de modo geral e de colheitas de alimentos básicos em particular: solos pobres e muita erosão e exaustão do solo nas condições de florestas úmidas; dificuldades de controle de águas e riscos de secas nos trópicos chuvosos-secos; incidência muito alta de pragas agrícolas e veterinárias; altos índices de alimentos estragados em estoque; e índices reduzidos de potencial fotossintético em regiões com temperaturas noturnas tépidas.

Sachs admite que haja exceções: “as regiões de solo vulcânico e aluvial, como o Delta do Nilo e Java, e vales intramontanos, onde as temperaturas noturnas são mais baixas”, assim como os “planaltos tropicais densamente povoados [da] América Central, [dos] Andes, [das] regiões dos Grandes Lagos e do Rift Valley da África Oriental, e [dos] contrafortes do Himalaia” (*idem*). Mas o resultado geral “parece ser uma limitação intrínseca da produtividade de alimentos em grandes regiões dos trópicos” (*idem*).

Segundo, a zona tropical seria, segundo Sachs, desfavorecida frente às zonas temperadas relativo à *saúde* nos trópicos (*idem*, p.74-75):

O fardo das doenças infecciosas é, igualmente, mais alto nos trópicos do que nas zonas temperadas. A maioria das doenças infecciosas nas zonas temperadas é transmitida diretamente de seres humanos para seres humanos (por exemplo, tuberculose, gripe, pneumonia, doenças sexualmente transmissíveis). Nos trópicos, existem também doenças transmitidas por vetores (malária, febre amarela, esquistossomose, tripanossomíase, doença de Chagas, filariose, entre outras), nas quais animais que prosperam em

clima quente, como moscas, mosquitos e moluscos, desempenham papel fundamental como hospedeiros.

Terceiro, a zona tropical seria desfavorecida frente às zonas temperadas relativo à *mobilização de recursos científicos*. Sachs (*idem*, p.75; num trecho que não conseguimos formular mais concisamente) faz a seguinte explicação transhistórica:

As regiões temperadas têm sido mais povoadas do que as regiões tropicais por pelo menos dois mil anos. Em um cálculo grosseiro, usando [dados do *Atlas of World Population History* de Colin McEvedy e Richard] Jones (1978), os trópicos têm abrigado cerca de um terço da população mundial nos últimos dois milênios. Se o crescimento da produtividade está relacionado com o tamanho da população e se os progressos na produtividade em uma zona ecológica não atravessam facilmente para outra zona, então pode ser vantajoso para a zona temperada ter uma parcela maior da população mundial. As duas suposições parecem realistas. O aumento da produtividade é estimulado pela demanda maior e facilitado por um suprimento maior de inovadores potenciais. Da mesma forma, avanços de produtividade na zona temperada em áreas como agricultura, saúde e construção têm menor probabilidade de ser diretamente aplicáveis às diferentes condições climáticas dos trópicos. Portanto, a taxa mais alta de avanço da produtividade na zona temperada talvez não seja facilmente difundida nos trópicos.

Sobre a mobilização de recursos científicos, Sachs diz também (em seu artigo intitulado “Ajudar aos mais pobres do mundo”, *Helping the World’s Poorest*, 1999) que as instituições de pesquisa nas áreas de agricultura e saúde, áreas *sine qua non* para o desenvolvimento, estariam localizadas principalmente nas zonas temperadas (Estados Unidos, Europa, Japão). Seguindo a lógica do mercado, as inovações dessas instituições serviriam para os Estados nos quais as instituições de pesquisa estão localizadas. Além disso, como observa Sachs, as inovações nas áreas de agricultura e saúde difundiriam-se somente em latitudes parecidas. Ora, quando se trata de inovações nessas áreas que são desenvolvidas por instituições estabelecidas na zona temperada, elas só serviriam nessa zona: as instituições de alta tecnologia nas zonas temperadas fazem pesquisas para responder a necessidades da zona temperada, sem inovar na área de agricultura *tropical* (para melhorar a produtividade) e saúde *tropical* (para combater as doenças transmitidas por vetores). Sachs conclui que seria preciso incentivar as empresas com alta tecnologia, localizadas na maioria nas zonas temperadas, a pesquisar para resolver problemas específicos da zona tropical.

Juntos com o problema da mobilização de recursos científicos, os problemas de agricultura e de saúde inerentes à zona tropical nos levam a conceber o mundo como dividido entre zona tropical e zonas temperadas. Sachs (2002, p.75) diz o seguinte:

A combinação de fraca produtividade agrícola e alta incidência de doenças infecciosas tem tido múltiplos efeitos adversos: uma alta proporção da população na agricultura por causa da ausência de superávit agrícola; baixo nível de urbanização; grande concentração em remotas regiões de altas altitudes (por exemplo, o altiplano andino e a região dos Grandes Lagos na África) buscando fugir dos problemas das planícies quentes e tropicais; baixa expectativa de vida e uma acumulação menor de capital humano.

Como diz Sachs (*idem*, p. 74), as “regiões temperadas são amplamente mais desenvolvidas do que os trópicos[.] Na lista dos trinta países mais ricos, só dois, Hong Kong e Cingapura – equivalentes a menos de 1% da população conjunta dos trinta países mais ricos – ficam na zona tropical”. Hong Kong e Cingapura seriam “exceções que confirmam a regra. As duas cidades-estados insulares dedicam-se a indústrias e serviços. Não precisam se preocupar com baixa produtividade agrícola ou vetores portadores de doenças” (*idem*, p.75). Sachs (*idem*, p.76) admite que

[a] geografia é, sem dúvida, apenas um lado do enigma. Diversas regiões da zona temperada não se saíram bem, pelo menos não tanto quanto a Europa Ocidental, o Leste da Ásia (Japão, Coréia do Sul, Taiwan) e os rebentos ocidentais. As regiões retardatárias da zona temperada incluem o Norte da África e o Oriente Médio, partes do Hemisfério Sul (Argentina, Chile, Uruguai e África do Sul), e grandes partes da Europa Central e Oriental e a antiga União Soviética, que até recentemente estiveram sob regime comunista. Para compreender esses casos, temos de recorrer à teoria social.

Mas de maneira geral, Sachs (*idem*, p.74) insiste em que não “temos, realmente, uma divisão Norte-Sul no mundo: em vez disso, temos uma divisão zona temperada – zona tropical”.

Essa (suposta) dicotomia entre zona tropical e zonas temperadas é afirmada através de estatísticas do Banco Mundial e da Organização das Nações Unidas (ONU). Os economistas que consideram Sachs como um “líder da redescoberta da geografia” (como mostrado na introdução deste artigo), John Luke Gallup, Alejandro Gaviria e Eduardo Lora (2005) do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), estabelecem uma relação direta entre latitude e Produto Interno Bruto (PIB) médio *per capita* (figura 1), entre latitude e taxa de mortalidade infantil (figura 2) assim como entre latitude e expectativa de vida (figura 3), respectivamente – sendo, nos três casos, os valores para baixas latitudes (zona tropical) piores que para altas latitudes (zonas temperadas).

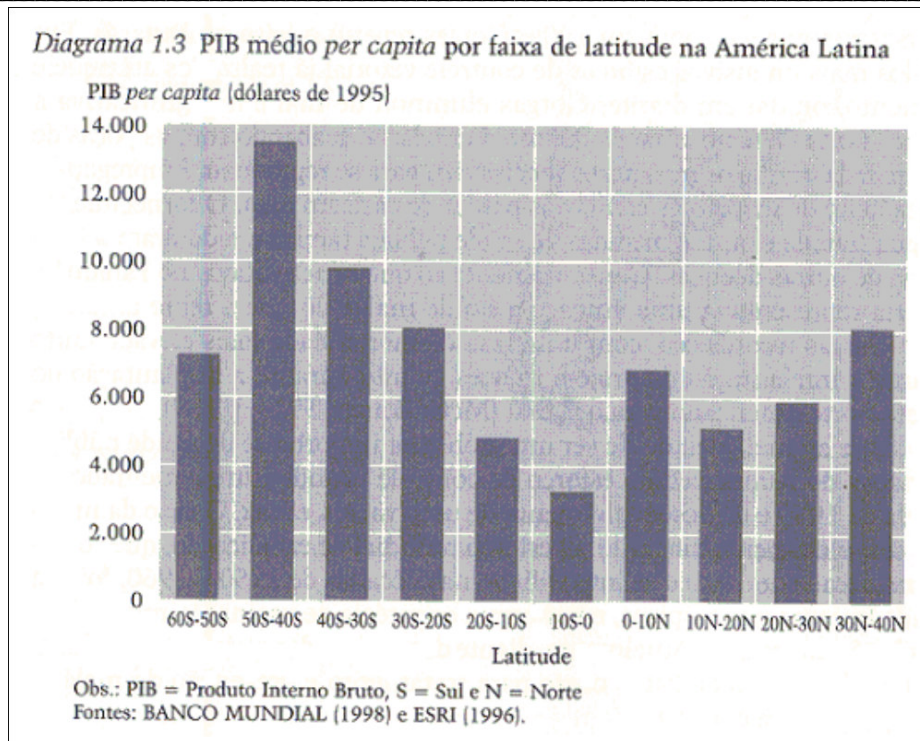


Figura 1 – Relação entre latitude e PIB médio per capita (GALLUP; GAVIRIA; LORA, 2005,p.42)

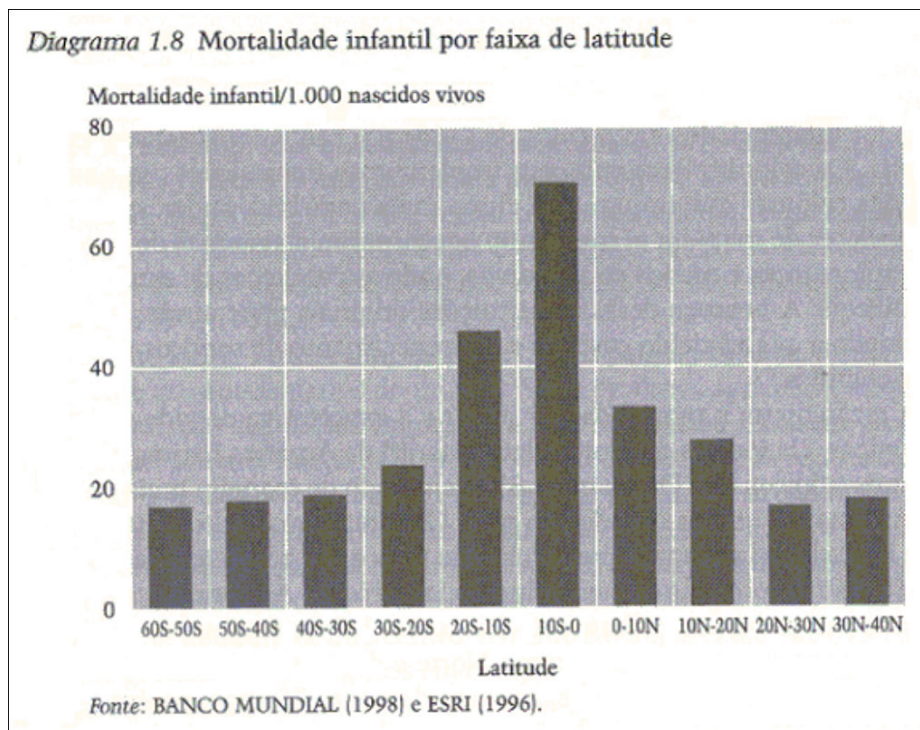


Figura 2 – Relação entre latitude e mortalidade infantil (GALLUP; GAVIRIA; LORA, 2005, p.52).

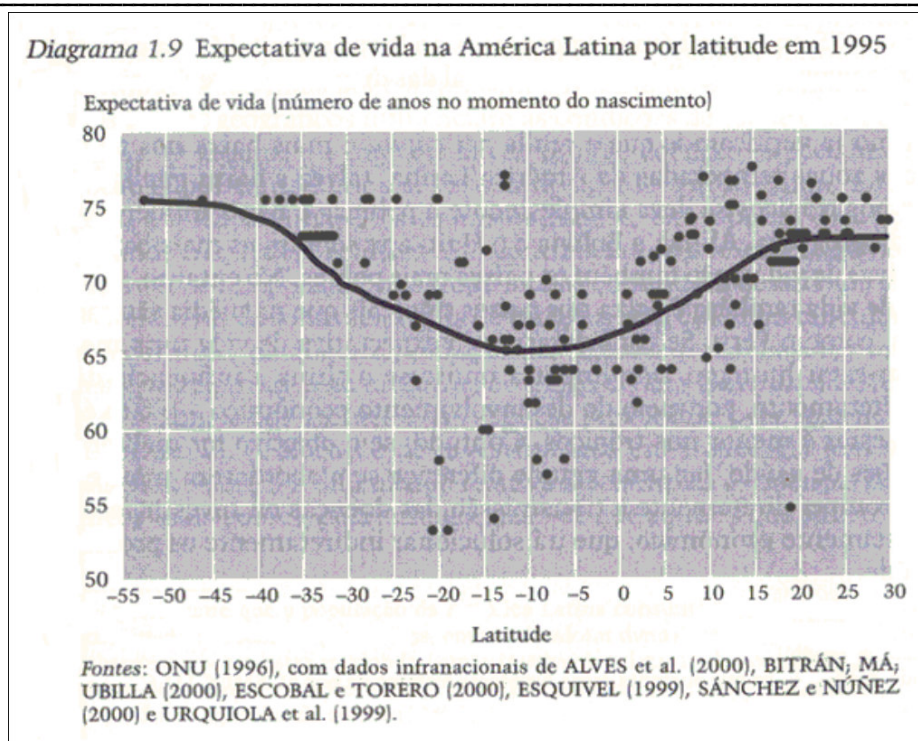


Figura 3 – Relação entre latitude e expectativa de vida (GALLUP; GAVIRIA; LORA, 2005, p.52).

Gallup, Gaviria e Lora (2005, p.42) escrevem: “Se a geografia [ou: as características da superfície terrestre; *nota do autor*] não fosse importante, a expectativa seria encontrar condições econômicas similares por todo o mundo, sujeitas a alguma variação aleatória”. Eles admitem que na “América Latina há mais países de renda média nos trópicos do que em outras regiões com áreas tropicais, indicando estar menos sujeita à regra geral de que os trópicos são mais pobres” (*idem*). Mas “a maioria dos países pobres do mundo está localizada nos trópicos, enquanto os níveis mais elevados de desenvolvimento encontram-se nas áreas não-tropicais” (*idem*).

Uma série de altas personalidades da política internacional retoma essa geografia. Com a mesma ênfase na latitude, Ricardo Hausmann, ex-economista chefe do BID, escreveu um artigo com o título “Prisioneiros da geografia” (HAUSMANN, 2001), no qual ele confirma a dicotomia “tropicalista” de Sachs. Rubens Ricupero elogia Sachs como “clínico econômico generalista em dimensão planetária” (In: SACHS 2005, p.21) que “tem o coração do lado certo” (*idem*, p.24). E o Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas Ban Ki Moon apoia-se frequentemente em Sachs, por exemplo, a fim de entender o conflito de Darfur (Ban Ki Moon 2007) – que tem lugar nos trópicos. Afinal, segundo o “aluno astro do rock” Bono (In: SACHS 2005, p.15), “Jeff [e o fim da pobreza] é difícil de ignorar” (*idem*, p.16); o músico acha

que, com a ajuda de Jeffrey Sachs, “podemos ser a geração que não aceita mais que um acidente de latitude determine se uma criança vai viver ou morrer ... Nós, do Ocidente, vamos realizar nosso potencial” (*idem*, p.18).

A essa visão de um mundo dividido entre zona tropical e zonas temperadas opõe-se a visão da ciência geográfica alemã, que considera, como veremos, o mundo como fragmentado.

3. A visão “fragmentária” da ciência geográfica

Segundo a ciência geográfica alemã, o mundo, em vez de ser dividido entre zona tropical e zonas temperadas, é *fragmentado*. Na obra didática alemã *Geographie* (GEBHARDT et al. 2007), composta por capítulos escritos por mais de 100 autores de (talvez) todas áreas de geografia física e humana, encontramos a negação de (quase) tudo o que Jeffrey Sachs diz nas suas teses acima descritas. Frente às zonas temperadas, a zona tropical *não* é desfavorecida no que se refere à agricultura, saúde e mobilização de recursos científicos. Portanto, o mundo *não* seria dividido entre zona tropical e zonas temperadas.

Na obra *Geographie*, um capítulo intitulado “Dissoluções da dicotomia ‘norte-sul’: aspectos geográficos do debate sobre o desenvolvimento” (MÜLLER-MAHN, Detlef. Die Auflösung von Norden und Süden: geographische Aspekte der Entwicklungsdebatte. In: GEBHARDT et al. 2007, p. 853-867) é dedicado à desconstrução da dicotomia “Norte – Sul” (*idem*, p. 853):

Os pontos cardeais *norte* e *sul* servem, no debate sobre o desenvolvimento, como metáforas para posicionar grupos de países e regiões num “sistema global de coordenadas do desenvolvimento”. Eles servem para a descrição de uma oposição tanto espacial quanto qualitativa no mundo: de um lado, os países ricos, de outro lado, os pobres. No entanto, se tal visão dicotômica pode captar a realidade do desenvolvimento no mundo é algo controverso. Pois enquanto o fosso entre pobres e ricos cresce constantemente, observa-se, do outro lado, uma reorganização e dissolução parcial dos antigos padrões territoriais.

Da mesma maneira podemos dizer que Jeffrey Sachs utiliza as baixas e as altas latitudes como metáforas para posicionar partes da humanidade num “sistema global de coordenadas do desenvolvimento” e para categorizá-las como desfavorecidas ou favorecidas, respectivamente. Assim, a ideologia geográfica de Sachs mostra-se igualmente controversa como qualquer outra visão dicotômica do mundo.

Müller-Mahn e os demais geógrafos alemães na obra *Geographie* rejeitam qualquer forma de dicotomia, baseando-se frequentemente/principalmente na *teoria do desenvolvimento fragmentador* do geógrafo alemão Fred Scholz. Vários desses autores se servem de problemas relativos à agricultura, saúde e mobilização de recursos científicos (os problemas com quais Jeffrey Sachs procura justificar uma visão *dicotômica* do mundo) para mostrar que o mundo é *fragmentado*. Essas abordagens se opõem implicitamente a qualquer visão dicotômica do mundo, seja a dicotomia “Norte-Sul” ou a dicotomia “zona tropical – zonas temperadas” – como veremos mais adiante.

Primeiro, relativo à agricultura, a zona tropical *não* é desfavorecida frente às zonas temperadas, como argumentam os geógrafos. “É verdade que na zona tropical, a agricultura é ecologicamente desfavorecida?” (em alemão: *Ist die Landwirtschaft in den Tropen ökologisch benachteiligt?*) é o título de um excurso escrito por Ulrich Scholz (In: GEBHARDT et al. 2007, p. 617). A resposta que o autor dá à pergunta é: não. Pois enquanto que na direção da linha do *equador* o fator que limita a agricultura pode ser a *fertilidade relativamente baixa dos solos* (acrissoles e ferrasolos), na direção dos *trópicos de Capricórnio e de Câncer* o fator limitante para a agricultura é (em grandes partes) a *falta/escassez de água*, e na direção dos *pólos Norte e Sul* o fator limitante é a *escassez de calor*. Os trópicos oferecem durante o ano inteiro tanta luz, calor e água como nenhuma outra zona climática. Rendas que poderiam sazonalmente ser mais baixas são compensadas pelo fato de que nos trópicos há várias – não só uma - colheitas por ano. As “exceções” de Jeffrey Sachs (regiões de solo vulcânico e aluvial, e planaltos) são exceções no sentido de que seu solo é excepcionalmente fértil a nível mundial. Conclusão: tanto nos trópicos úmidos como em qualquer outra zona climática do planeta opõem-se, relativo à agricultura, vantagens e desvantagens de localização.

Segundo, no que se refere à *saúde*, a zona tropical tampouco seria desfavorecida frente às zonas temperadas. Como explica Hans-Georg Bohle em seu capítulo “Pesquisa geográfica do desenvolvimento” (“Geographische Entwicklungsforschung”. In: GEBHARDT et al. 2007, p.797-815), no centro do interesse da ciência geográfica não está o espaço em si mesmo, mas a sociedade, o ser humano. O geógrafo argumenta que, para o mal-estar de uma sociedade, não se pode responsabilizar as características da superfície terrestre na qual ela vive. Quem argumenta como Sachs de maneira “determinista”, ignora a relação dialética entre *estrutura* (por exemplo, características da superfície terrestre na zona tropical ou nas zonas temperadas, respectivamente) e *agência* (o ser humano, as sociedades), relação explicada pelo sociólogo britânico

Anthony Giddens (*idem*, p. 803). As condições/situações de saúde, por sua vez, dependem da vulnerabilidade individual e, portanto, de relações de poder e de posse, de participação política ou de mudanças nas relações entre homem e meio (*idem*, p.805); a vulnerabilidade relativa a doenças é conseqüência de um conjunto de causas que geralmente tem nada que ver com o espaço físico (*idem*, p.811). É preciso dar conta da complexidade dessa vulnerabilidade através de teorias de um desenvolvimento fragmentador (*idem*, p.808), entre outras coisas. Diferenças nas condições de saúde no mundo têm, portanto, nada que ver com a latitude.

Por fim, no que se refere à *mobilização de recursos científicos*, os geógrafos fazem entender que a zona tropical *não* é desfavorecida frente às zonas temperadas. Como explica Peter Meusburger em seu excurso intitulado “Conhecimento e espaço na geografia econômica” (“Wissen und Raum in der Wirtschaftsgeographie”. In: GEBHARDT et al. 2007, p. 850-852), o conhecimento se difunde em função do interesse dos que dispõem desse conhecimento de difundir o conhecimento. A distribuição espacial do conhecimento e de funções de decisão depende de relações assimétricas de poder. Isso nos leva a entender a difusão de conhecimento como processo imprevisível demais para poder influenciá-lo de maneira como Jeffrey Sachs o propõe. Mostra-se, na realidade, que a globalização, em vez de democratizar o acesso a conhecimento, promoveu a concentração espacial de poder e de conhecimento, pois as novas vias de comunicação facilitariam a coordenação e o controle de maiores espaços a partir de lugares centrais. Diferenças de mobilização de recursos científicos no mundo têm, portanto, nada que ver com latitude. Chega-se à conclusão de que Sachs, quando usa o *Atlas of World Population History* aproximando-se à pré-história, tem uma visão trans-histórica da difusão de conhecimento, que nada tem que ver com a realidade vivenciada no século XXI.

Segundo a ciência geográfica alemã, o mundo, em vez de ser dividido entre zona tropical e zonas temperadas, é *fragmentado*. A “fragmentação” representa um denominador comum entre os autores da obra *Geographie*. Detlef Müller-Mahn baseia sua desconstrução de uma visão dicotômica do mundo (In: GEBHARDT et al. 2007, p.853) acima citada na *teoria do desenvolvimento fragmentador* do geógrafo alemão Fred Scholz. Outro autor da obra *Geographie*, Jürgen Ossenbrügge, também defende, em seu capítulo “Globalização e fragmentação como pólos da diferenciação sócio-espacial no novo milênio” (“Globalisierung und Fragmentierung als Pole der gesellschaftlich-räumlichen Differenzierung im neuen Jahrtausend”. In: GEBHARDT et

al. 2007, p.832-842) uma visão fragmentária/fragmentante do mundo. Segundo mais um outro geógrafo, Johannes Glückler (In: GEBHARDT et al. 2007, p.852), seria a elite transnacional - à qual deveria pertencer, *per definitionem*, Jeffrey Sachs - que contribuiria ainda mais para uma progressiva fragmentação econômica do mundo.

A própria teoria de Fred Scholz é apresentada num excurso de Hans-Georg Bohle intitulado “A teoria do desenvolvimento fragmentador” (“Die Theorie der fragmentierenden Entwicklung”; In: GEBHARDT et al. 2007, p. 809). Parte-se, nessa teoria, de três elementos característicos de qualquer estrutura social ou espacial no mundo a qualquer escala: os *lugares globais* com seus centros de comando e alta tecnologia, os *lugares globalizados* funcional e hierarquicamente subordinados aos lugares globais, e o *resto excluído* dos benefícios da globalização. Trata-se de três categorias de fragmentos funcional-espaciais virtuais ou reais cuja interdependência funcional-hierárquica apenas depende das exigências da concorrência e do mercado global, e não das condições geográficas ou de características da superfície terrestre como o clima. Esses *lugares globais*, *lugares globalizados* e *resto excluído* podem inclusive coexistir em imediata proximidade espacial. Trata-se de fragmentos que se encontram tanto no chamado “Sul” quanto no chamado “Norte”, independentemente da latitude.

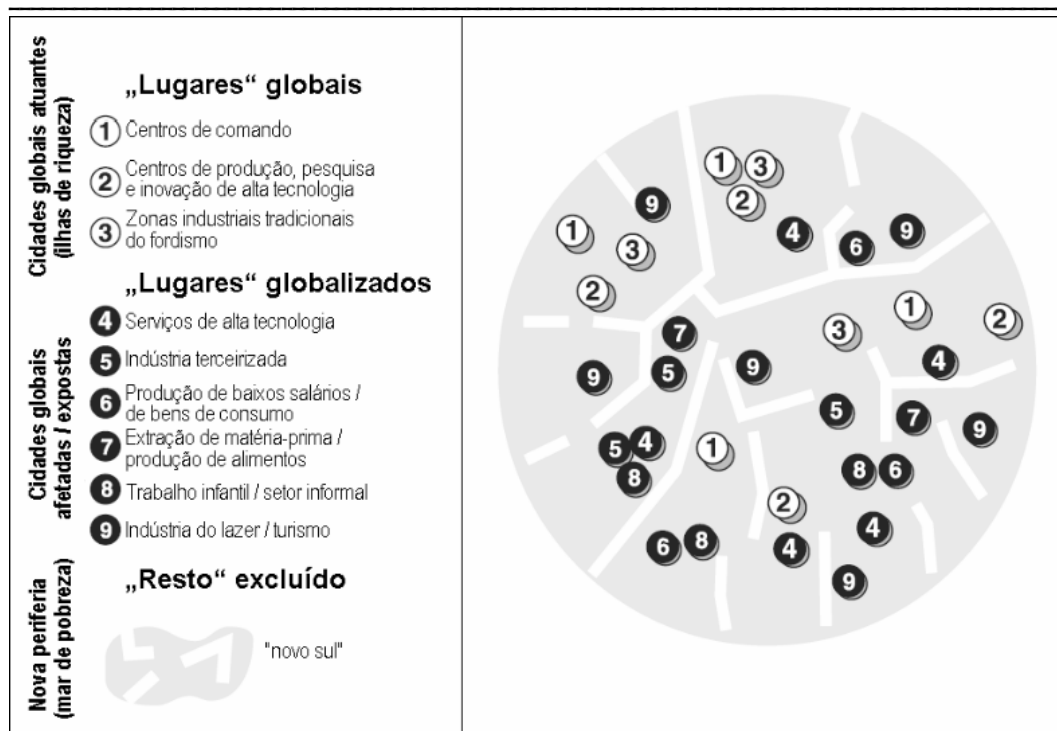


Figura 4 - O modelo da fragmentação global como apresentado por Fred Scholz em seu artigo "A teoria do desenvolvimento fragmentador" publicado em 2002 na revista *Geographische Rundschau* (In: GEBHARDT et al. 2007, p.16).

Segundo Detlef Müller-Mahn (no capítulo “Dissoluções da dicotomia ‘norte-sul’” acima citado. In: GEBHARDT et al. 2007, p. 867), o mundo fragmenta-se e funde-se ao mesmo tempo através da concorrência que o domina. Os países desenvolvidos e em desenvolvimento não são mais categorizáveis como grandes espaços contínuos. O resto excluído (ou: “novo Sul”) “não apenas inclui as áreas de pobreza na África e na Ásia, mas também os bairros industriais ‘colapsados’ no Leste da Alemanha, os bairros de imigrantes em metrópoles ocidentais ou as cidades atrofiadas na periferia européia” (*idem*, p.867).

Em outras palavras, o mundo deixa de ser concebível de maneira dicotômica, como Jeffrey Sachs o faz. Como dizem Paul Reuber e Günter Wolkersdorfer em seu capítulo “Espaço e poder: a geopolítica do século 21” (“Raum und Macht: Geopolitik des 21. Jahrhunderts”, In: GEBHARDT et al. 2007, p. 895-904), as visões dicotômicas do mundo se dissolveram, e o que surgiu é “um mundo fragmentado com múltiplos conflitos e focos de crise” (*idem*, p. 895). Talvez seja a geopolítica que nos faz inteligível o projeto geográfico de Jeffrey Sachs, pois as visões dicotômicas do mundo teriam, na maioria dos casos, um caráter geopolítico (*idem*). A tarefa da ciência

geográfica seria, nesse sentido, desconstruir os discursos hegemônicos, como fez Michel Foucault (*idem*, p. 896). E fora da ciência geográfica, o discurso de Jeffrey Sachs tem, sem dúvida, um caráter hegemônico.

4. Conclusão

Sem entrar nas críticas profundas detrás do pensamento de Fred Scholz, o autor da teoria do desenvolvimento fragmentador, e dos outros autores da obra *Geographie: Physische Geographie und Humangeographie* acima citados, concluímos que os argumentos do “geógrafo” Jeffrey Sachs são fundamentalmente incompatíveis com a produção científica dos geógrafos alemães e certamente também de geógrafos brasileiros. Pois enquanto Jeffrey Sachs tem uma visão dicotômica do mundo, os geógrafos alemães o percebem como fragmentado, rejeitando, implícita ou explicitamente, os três argumentos básicos de Sachs: a zona climática tropical seria desfavorecida relativo à agricultura, saúde e mobilização de recursos científicos. Os argumentos levantados pelos geógrafos são, sem dúvida, relevantes. Mas a geografia de Sachs é muito mais poderosa.

REFERÊNCIAS

A favor de Jeffrey Sachs:

BAN Ki Moon. A Climate Culprit In Darfur. *The Washington Post*, 16. Juni 2007; p. A15. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/06/15/AR2007061501857.html> Acesso em: 6 out. 2009. [Versão portuguesa (O conflito de Darfur e o meio ambiente) disponível em: http://www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe3.asp?ID_RESENHA=349476 Acesso em: 6 out. 2009.]

GALLUP, John Luke; GAVIRIA, Alejandro; LORA, Eduardo. **Geografia é destino?:** Lições da América Latina. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

HAUSMANN, Ricardo. Prisoners of Geography. **Foreign Policy**, n. 122, p. 44-53, jan./fev. 2001. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3183225> Acesso em: 6 out. 2009.

SACHS, Jeffrey. **O fim da pobreza:** como acabar com a miséria mundial nos próximos vinte anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SUTERMEISTER, P. Jeffrey Sachs contra a ciência geográfica: dicotomia versus fragmentação. p. 1241-1254.

_____. Notas para uma Nova Sociologia do Desenvolvimento Econômico. In: HARRISON, Lawrence E.; HUNTINGTON, Samuel P. (org.). **A cultura importa**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.71-88.

_____. Helping the World's Poorest. **The Economist**, 352 (8132), 14 de ago. de 1999. Disponível em:
<<http://www.cid.harvard.edu/cidintheneews/articles/sf9108.html>> Acesso em: 6 out. 2009.

A favor da ciência geográfica:

GEBHARDT, Hans; GLASER, Rüdiger; RADTKE, Ulrich; REUBER, Paul (org.) **Geographie**: Physische Geographie und Humangeographie. München: Spektrum, 2007.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1998.